

## Bruno de Menezes\*

### Abguar Bastos

Fomos amigos a partir de 1921. Eu publicara o poema “Noturno” em “A Semana” e Bruno era redator da revista.

Nessa década, os intelectuais se aglutinavam em torno de seus ideais e suas esperanças.

Eram os jovens da geração de após guerra (14/18), com espírito renovador, e que foram formando grupos: primeiro na Associação dos Novos, depois em “A Semana”, “Estado do Pará”, “Belém Nova”.

Bruno era o mais velho e entre os mais antigos havia o José Simões e o Rocha Moreira, rendendo homenagem a J. Eustachio de Azevedo, do começo do século

depois, do apogeu da borracha, do cabaré das francesas.

Bruno era jovial, contador de estórias e “causos” em que os personagens eram os caboclos das ilhas. Cantava por divertimento, imitando pajés e pais-de-santo.

Mas o que encantava em Bruno, além de sua inteligência privilegiada, era a sua vocação para as coisas do povo. Ladainhas, batuques, mastros do Divino, bumbás, todas as manifestações populares encontravam em Bruno o seu maior e mais legítimo intérprete.

Tanto em seu único romance, como em “Boi-Bumbá” e “Batuque”, não faz outra coisa senão ir à alma do povo, às suas maneiras cantadas e dançadas de comunicação.

Revela em “Batuque” a célebre “Oração da Cibra Preta”, que “fecha o corpo”, espanta os demônios e seduz a mulher amada, com invocação a Santa Catarina. É ainda parte dos feitiços do povo, como o “olho de boto”, o “bentinho”, o uirapuru seco e preparado, as figas de pau-de-Angola...

Vai buscar nas mais caras tradições da terra o seu material poético.: São João do Folclore e Mangericos, Marujada, Pai João, Mãe Preta, Chorinho, Cachaca, Louvação ao Cavaleiro Jorge, Gente de Estiva. Lembra “Mãe Ambrosina” aliviando os males e “Mestre Desidério” fazendo mandinga...

Nascido ao calor dos povos arrabaldinos, voltava-se para eles com efusão e carinho. O seu talento era o ouro que distribuía entre os humildes. Por isto era alegre, de sentimentos transparentes, de coração boêmio, de riso fácil e comunicativo.

A gente sentia nele uma certa inocência sobre os males do mundo, talvez nem acreditasse neles.

Ao seu lado todos pareciam felizes: eu, Clóvis de Gusmão, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, Edgar Franco, Alfredo Rodrigues de Souza, Muniz Barreto, os que estavam mais perto.

Mas é justo lembrar sua saudosa e magnífica esposa: Dona Francisquinha, que soube lhe compreender as emoções como sua dedicada companheira, até que ele se foi, coberto com as lágrimas de seus amigos.

Abguar Bastos, escritor paraense radicado em S. Paulo. Prêmio Intelectual do Ano — Troféu Juca Pato, 1987.

\* Publicado no “Diário do Pará” — Espaço Aberto — 24.3.93

